

TERRA INDÍGENA GUARANI BARRA DO OURO: DA RETOMADA À AUTODEMARCAÇÃO

**30 anos da luta do Povo Mbya pelo
"Campo Molhado",
hoje entre as maiores áreas
guarani demarcadas no RS**



dos: nas reservas guaranis, os índios protegem as celebrações religiosas dos olhares curiosos do homem

Guaranis fazem autodemarcação

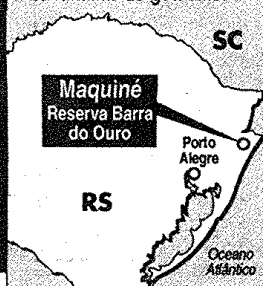
Porto Alegre — Com o apoio de indígenas de sete estados, 100 guaranis da reserva de Barra do Ouro, no município gaúcho de Maquine, iniciaram ontem a autodemarcação de sua reserva, abrangendo uma área total de 2.850 hectares — incluindo os 1.824 hectares atualmente em poder de uma fazenda dos Supermercados Zaffari, que os índios acusam de grilagem. O anúncio foi feito, em Porto Alegre, pelo líder da comunidade de Barra do Ouro, Avelino Gimenez; pelo segundo cacique da aldeia Jarara no Mato Grosso do Sul, Sílvio Iturv, e

pelo representante dos guaranis de São Paulo, Manoel Wera.

Eles advertiram que a autodemarcação em Barra do Ouro deverá ser a primeira de uma sucessão que pretendem realizar em todo o País. "No Brasil, sempre fomos massacrados. Correr não adianta mais, vamos ter que enfrentar. Não queremos encrenca com ninguém, mas já que a Funai e o Governo não fazem a demarcação, nós vamos fazer. Importante é fazer, não importa quanto tempo dure", advertiu Wera. Sílvio e Manoel viajaram a Maquine junto com um grupo de guaranis de outros estados.

A LOCALIZAÇÃO

■ Barra do Ouro está escondida na Mata Atlântica e abriga 25 famílias de guaranis:



Barra do Ouro tem 1.026 hectares interditados pela Funai. Com a autodemarcação, os índios planejam deixar a reserva com mais de 2 mil hectares de área

800 índios guaranis habitam o território gaúcho

A tribo tem apenas uma reserva demarcada no Estado - Guarani Votouro, em São Valentim - mas ainda não homologada pela Justiça

Com a palavra, Hélio Wherá

"Eu convivi lá na época de luta pelo Campo Molhado. Eu sei um pouco, pois eu vi com meus próprios olhos. Passei dificuldade. Vou contar o que eu mesmo passei.

"Boa tarde, quero fazer uma fala sobre a importância da terra, do território. Porque pro povo indígena não existe 'universidade' sem ter a terra. Hoje no Brasil tem muito indígena que não tem terra, que mora à beira de estrada ou debaixo de ponte. Hoje, pra ter aldeia tem que ter retomada.

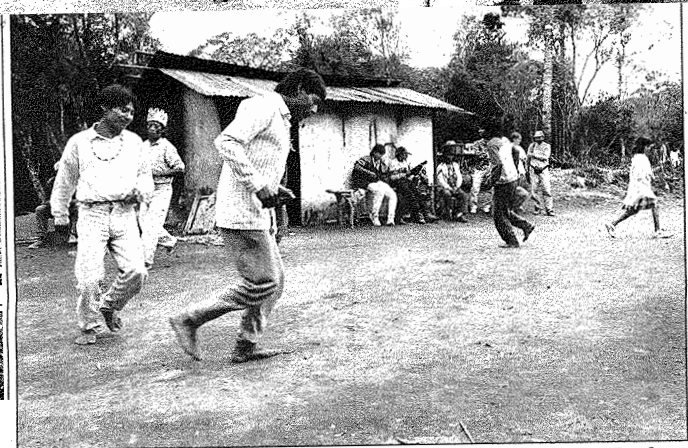
"Os não indígenas vêm há muitos anos atrás tirando toda a riqueza que os povos indígenas tiveram e o pouco que ainda têm. Os não indígena se apropriaram de tudo. Hoje muitos indígenas ficam sem terra, sem espaço para viver, para fazer plantio, para viver o modo de ser tradicional.

"Então quero falar um pouco sobre o que aconteceu na década de 80. Era um tempo muito difícil, mas ainda continua sendo. Era época da ditadura militar, quando muitos povos originários daqui da América do Sul foram massacrados, e mortos, e expulsos do seu território pela classe dominante.

"Nessa época da ditadura, muitos homens, mulheres e crianças indígenas foram assassinados.

Guaranis demarcam terras em Maquiné

Há 15 dias, dezenas de índios da reserva de Barra do Ouro, no Litoral Norte do Estado, estão delimitando áreas



Dança dos guerreiros anima a aldeia

Todos os dias, quando o sol começa a se esconder nas montanhas de Barra do Ouro, no Litoral do Estado, os índios preparam-se para repetir o ritual de preparação dos guerreiros. A dança que tem o nome em guarani de xondaro é executada sempre no final da tarde pelos habitantes da aldeia e agora pelos visitantes (foto). Enquanto dois homens tocam violão e violi-

no, os demais dançam em círculo. Os movimentos variam a cada dia. Em tempos antigos, o xondaro tinha a função de preparar os guaranis para a guerra. Hoje, durante o trabalho de autodemarcação da reserva, ele é ao mesmo tempo um momento de confraternização e de preparação física para o trabalho pesado do dia seguinte.

Sofremos muito. A ganância começou a dominar o povo não indígena.

“Quando os não indígenas viram a riqueza que Deus criou pra nós, os povos indígenas, eles destruíram tudo. Eles não souberam cuidar da natureza, de tudo. Então nós povos indígenas nos preocupamos. Quando Deus fez a terra, ele criou tudo, a água, a mata, os animais, e tudo. O não indígena vem destruindo tudo que Deus criou aqui em cima dessa terra. Nós, indígenas, nos preocupamos com todos os seres humanos e os seres vivos da terra. Porque daqui a pouco vão terminar as árvores, a água e tudo mais, porque se destruir e fazer desmatamento, como vamos respirar? Esse ar é que sustenta nossos pulmões. Se não tiver mais ar, ninguém mais vai viver, nem os animais. Acontece muito a matança dos animais também, pelos não indígenas.

“Nós indígenas olhamos para o futuro, pelas nossas crianças e netos. Mas não só por nós, mas por cuidar da nossa Mãe Terra. Por esse motivo que nós indígenas hoje criamos coragem de fazer retomadas para cuidar do restinho que ainda há, alguma mata nativa. Porque quando Deus fez, ele fez para nós cuidar e não para destruir. Temos que desfrutar e não destruir.

“Os Guarani fizeram Retomada em Maquiné no Rio Grande do Sul na época da ditadura militar, em 82 e 83. Porque naquela área existem muitos ani-

Guaranis definem áreas de plantio

Líderes indígenas reuniram-se ontem para planejar o cultivo das lavouras deste ano



FOTO: ARMANDO DUARTE/21

Reivindicações: os índios pediram aos representantes da Funai sementes e ferramentas para plantar milho e feijão

Collares manda PM defender tribo guarani

PORTO ALEGRE — Empregados da Fazenda Frazari, em Osório, na região do litoral, foram repreendidos pela Brigada Militar (PM), por ordem do governador Alceu Collares, por terem ameaçado de morte e expulsado cerca de 90 índios guaranis de sua aldeia, localizada em área pertencente ao estado e vizinha à fazenda, na divisa dos municípios de Osório, Santo Antônio da Patrulha e Rolante. Os peões invadiram a área e, com tiros de revólver e espingarda, intimidaram os índios, que fugiram para o interior da reserva, depois de terem duas casas da aldeia destruídas.

O advogado afirmou que o grupo Zaffari pretende explorar o turismo ecológico na região, mas não deu detalhes do projeto. Durante o encontro, a procuradora Jeda Lamaison salientou que a situação da Fazenda Frazari também é indefinida. "Eles também são posseiros", avisou. De acordo com Lima, o grupo tem títulos definitivos de apenas parte da área da fazenda.

mais, ervas medicinais. Os não indígenas madeireiros destruíram muito e nós nos preocupamos com tudo. Nossos grandes líderes antigos fizeram a primeira retomada dos povos indígenas guarani. Naquela época da ditadura que era muito difícil, quando aconteceu muito massacre e assassinato, mas foi nessa época que os Guarani fizeram retomada porque se preocuparam com o futuro das nossas crianças.

"Aquela área tem muito valor pra nós porque existe água lá. Os *jurua* vinham derrubando com tudo. Os Guarani fizeram a retomada. Os fazendeiros queriam fazer o massacre com nós, expulsar todos nós. Muitas lideranças foram lá. Com a força da espiritualidade, da natureza, dos encantados, os Guarani conseguiram vencer e convencer os *jurua*. Algumas autoridades *jurua* apoiaram os Guarani naquela época, na nossa luta pela vida.

"Hoje os indígena e até os não indígenas estão beneficiados com aquela área. Se o *jurua* tivesse ficado com aquela área, não teria mais água em Rolante, Riozinho e Maquiné. Graças a nossa luta daquela época, hoje ainda existe água limpa, erva-mate, araucária, taquara, natureza, pé de erva-mate de 600 anos. Nós conseguimos salvar aquele pedaço de terra e ainda recuperar ela.

"Não foi fácil. A ganância não quer entender. O saber da ganância queria dominar, mas na força da



Chefe quer proteger cultura do seu povo

O índio Avelino Gimenez (foto), da região de Barra do Ouro, em Maquiné, carrega como líder de seu grupo uma árdua missão: garantir a terra para o plantio. Diferente de seus ancestrais, ele perde a maior parte de seu tempo debatendo com os "brancos" formas de abrir espaços reservados aos índios em território gaúcho. "Há 300 anos, os caciques tinham mais tempo para ensinar as crianças a caçar e fazer armadilhas", conta. "Hoje nosso maior problema é a terra." Gimenez é responsável por um grupo de 14 famílias instaladas em Barra do Ouro e uma importante liderança dos guaranis no Estado. Apesar de dura e trabalhosa, a função de assegurar a terra é dividida com a preocupação de manter a língua e os rituais dos guaranis vivos. "Nossas crianças não vão a escola dos brancos porque aprendem nossa língua e nas aldeias ainda rezamos para nossos deuses", conta.



natureza e da mãe terra conseguimos vencer e ainda tem muitos indígenas lá.

"Tem alguns não indígenas que falam que os índios querem destruir mas os Guarani sabem bem a época de cortar árvores para construir casas, para fazer roça. Nós temos no nosso coração e na nossa mente a sabedoria que Deus criou para nós, não temos a ganância.

"E hoje existe o poder que foi criado pelo *jurua* para estar organizando o país, organizando a forma de trabalhar. Mas isso não existe. Se eles se preocupassem, teria alguma mata. Ele cria lei e rasga a lei. Isso é incapacidade na forma de trabalhar e se organizar. Dentro do poder existe a ganância. É por isso que a gente se preocupa e está se levantando porque a nossa vida e o nosso futuro está ameaçado. Por isso que fazemos retomada, porque onde existe indígena, existe natureza e água limpa. Por isso que os indígenas fizeram a retomada em Maquiné, Campo Molhado, que hoje se chama Aldeia *Yvyty Porã*."*

— Helio Wherá

* Fala de Hélio Wherá gravada em agosto de 2021, em meio ao *Acampamento Luta Pela Vida* em Brasília-DF, que reuniu mais de 6.000 indígenas de diversas etnias em mobilização histórica contra a tese do "marco temporal".

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO DO PRESIDENTE
Em 15 de maio de 1997

Nº 18 -

Assunto: Processo FUNAI/BSB/1815/84. Referência: Terra Indígena GUARANI BARRA DO OURO.
Interessado: Grupo Indígena Guarani. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena a que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

No século XVI, os grupos indígenas de língua Tupi ocupavam uma vasta região do território brasileiro. Estendiam-se pela parte média e inferior da bacia do Amazonas e de seus afluentes da margem direita. No litoral, ocupavam extensa faixa até o extremo sul. Os Guarani tinham como território a região costeira entre Cananéia e o litoral do Rio Grande do Sul, penetrando o interior até os rios Paraná, Uruguai e Paraguai. Do ponto de vista lingüístico, os Guarani compõem um subgrupo da família Tupi-Guarani. Diferentes autodenominações e identificações históricas dadas por cronistas e grupos vizinhos designam parcialidades distintas. Na atualidade três delas ocupam o Paraguai, norte da Argentina e regiões do oeste e sul do Brasil; são elas os Mbyá (parcialidade a qual pertencem os Guarani de Barra do Ouro), os Pai-Tavyterã (Kaiová) e os Nandeva.

Os Guarani surgem na historiografia colonial desde o século XVI que, juntamente com fontes do século XVII, referem-se a eles no contexto da conquista. O século XVIII os coloca associados às missões no sul do Brasil, Argentina e Paraguai, como parte do empreendimento levado à cabo pelos jesuítas. No século XIX, são mencionados nos relatos de expedições científicas e artísticas, sobretudo. No século XX, tornaram-se objeto de extensa produção etnológica.

No Rio Grande do Sul a presença Guarani remonta ao século V, conforme dados arqueológicos. Na região de Osório, onde se situa a terra indígena Barra do Ouro, foram encontrados dois sítios arqueológicos que, associados à fontes históricas do século XVII, confirmam sua identidade Guarani.

Cronologia da Luta pela Demarcação

O território do Povo Mbya Guarani, denominado *Yvyrupa*, se estende pelo litoral e continente, em áreas ocupadas pelos estados brasileiro, argentino e paraguaio. O Litoral Norte da região hoje conhecida como Rio Grande do Sul (RS) está ocupada por diversas famílias do povo Mbya Guarani desde o **século V** do calendário cristão, como mostram registros arqueológicos.

Pelas escarpas da Serra Geral descem águas dos vales até o mar, o que torna a terra dessa região e das várzeas dos rios muito férteis. A biodiversidade da região do município de Osório é fundamental para o modo de ser guarani, ligado às frutas nativas, remédios tradicionais e espaço para plantar suas roças tradicionais de milho, batata-doce, feijão, amendoim e mandioca.

Nos primórdios da invasão dos brancos, foram doadas muitas terras, ferramentas e sementes aos colonos, e milhares de indígenas foram expulsos de suas terras tradicionalmente ocupadas. No Litoral Norte não foi diferente, e, após as invernações e a exploração do “gado em pé”, os colonos passaram a cultivar ali nas encostas dos morros a cana-de-açúcar e nas várzeas o arroz e hortaliças, a maior parte com agrotóxicos e para venda em larga escala.

Entre idas e vindas, desde a década de **1960** e **70** há relatos de ocupação semi-permanente dos Mbya Guarani na região da Barra do Ouro, interior de Maquiné, em várias aldeias, sobretudo na Aldeia da Gruta, que serviu de morada aos Guarani por vários anos.

Em **1977**, os indígenas conseguiram uma cessão de domínio de uma área do Estado pela Prefeitura de Osório, quando foi constituída a Aldeia Barra do Ouro. Eram cerca de quatro ou cinco aldeias espalhadas. Algumas serviam de passagem no meio da trilha e outras eram constituídas para o plantio e moradia. Essa área cedida para os Mbya Guarani se tratava de terra devoluta, ou seja, terras sem destinação pelo Poder Público e que nunca integraram o patrimônio de um particular. (vide Lei de Terras de 1850)

Entre as décadas de **1980** e **90**, os indígenas sofreram uma série de ameaças pelos não indígenas, com interesse em se apropriar da área. Primeiro pela empresa Agro Pastoril Barra do Ouro Ltda que começava a soltar bois e vacas na área, “passando a boiada” e gerando conflitos que resultaram na expulsão dos indígenas de uma das aldeias.


Em **1986**, a Companhia Zaffari de Supermercados instalou a Fazenda Frazzari em terras vizinhas à aldeia indígena. Em **1988**, os indígenas tiveram muitos problemas com o gado que ali estava, que comia suas roças.

Já em **1991**, peões armados da Fazenda Frazzari, agrediram, ameaçaram de morte e colocaram fogo nas casas dos indígenas. Isso fez com que a maioria dos indígenas fosse obrigada a viver em outras aldeias menores, como a Gruta, mas sem abandonar a área totalmente, seguindo em vigília e resistência.

Até **1993**, os indígenas ficaram submetidos a forte vigilância por funcionários da Fazenda. Em agosto daquele ano, depois da instalação de um posto da Funai e a interdição da área com placas, os indígenas conseguiram retornar ao local e construir suas casas novamente.

A identificação e delimitação da Terra Indígena Guarani Barra do Ouro proposta pelo grupo técnico constituído pela Portaria nº 1.084/93 abrange uma superfície aproximada de 2.285 ha, e perímetro, também aproximado, de 39 km. A proposta contempla as áreas habitadas em caráter permanente pela comunidade indígena, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem estar e as necessidades à sua reprodução física e cultural, em conformidade com o artigo 231 da Constituição Federal.

Sua demarcação deve assegurar o exercício das atividades de subsistência da comunidade indígena guarani e a realização de seu ethos cultural, que os leva a ocupar áreas de mata próximas ao mar.

 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF			
DENOMINAÇÃO: ÁREA INDÍGENA GUARANI BARRA DO OURO		PLANTA DE IDENTIFICAÇÃO	
MUNICÍPIO: MARQUÊS, BIRSINHO E STA ANTONIO DA PATRULHA		ÁREA: 2.000.000 ha	PERÍMETRO: 20,4 Km
UF: RIO GRANDE DO SUL	ADM: PASSO FUNDOS	ESCALA: 1:50.000	DATA: 26/12/96
TIC RESP PELA FUNAI		PROCESSO:	DATA CARTOGRAFICA:
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO		DECRETO Nº	

Essa zine foi elaborada em Porto Alegre durante o período da mobilização *Acampamento Pela Vida*, 2021, através de áudios de *whatsapp* e pesquisa bibliográfica, refletindo o momento de celebrar o aniversário de aproximados 30 anos da autodemarcação do “Campo Molhado” junto à resistência contra a perseguição dos povos originários. Ecoamos o grito: Demarcação Já!

>>> Floresta em Pé, Fascismo no Chão <<<



Fonte das notícias:

Base de Dados sobre Terras Indígenas no Brasil do Instituto Socioambiental.

<https://terrasindigenas.org.br/en/terras-indigenas/3675>

Fonte das datas e histórico dos processos:

Diário Oficial da União. Funai/1997.

<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/GMD00058.pdf>

Tribunal Regional Federal da 4ª Região TRF-4 - APELAÇÃO CIVEL : AC 45836 RS 2002.04.01.045836-8

<https://trf-4.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/8663539/apelacao-civel-ac-45836-rs-20020401045836-8/inteiro-teor-102699667>

Lei de Terras:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/10601-1850.htm



Mitos e mistérios envolvem os rituais religiosos

Entre todas as casas das aldeias, uma delas é especial. Batismos, funerais e festas são celebradas na casa de reza, a *opy* em língua guarani. Os rituais de morte e nascimento, herança dos ancestrais que habitavam o território gaúcho há milhares de anos, são proibidos aos olhares dos brancos e preservados pelos índios como tesouros intocáveis. Quando lhe perguntam sobre as celebrações religiosas que ainda fazem parte do cotidiano das aldeias, o cacique Marcolino Silva, da reserva de Varzinha, em Osório, sorri, abaixa a cabeça e silencia. O mistério é sinônimo de proteção para os *mbyás*.

Mesmo em Guarani Votouro, em São Valentim, no norte do Estado – a única aldeia onde as crianças freqüentam regularmente a escola tradicional – o cacique João Antônio da Silva dá risada quando algum “branco” ousa falar sobre reli-

líderes que
is, ele é fir-
adianta, o
a religião é

Peões expulsam guaranis de área no litoral gaúcho

Porto Alegre — Empregados da Fazenda Frazari, em Osório, na região do litoral, foram reprimidos pela Brigada Militar, por ordem do governador Alceu Collares, por terem ameaçado de morte e expulsado cerca de 90 índios Mbia-guaranis de sua aldeia, localizada em área pertencente ao estado e contínua à fa-

plesmente fugiram para o interior da reserva, que tem mil 346 hectares e está sendo pleiteada por particulares, que querem transformar a área num loteamento.

Junto com lideranças indígenas, do Ibama, da Anai e da União Protetora do Ambiente Natu-

nto mitoló-
nesmo para
alam sobre
elli. “Esse
te a cultura
José Otávio
iversidade
lica que os

